

VAZANTEIROS DO PAU PRETO: SUA HISTÓRIA, SABERES E PRÁTICAS COM PLANTAS ALIMENTARES

COLEÇÃO

NORTE

DE MINAS



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA



GARTILHA 3



© 2016, Universidade Federal de Viçosa e
Programa de Extensão Universitária - MEC/SESU

Elaboração	Ilustrações
LIS SOARES PEREIRA	LIS SOARES PEREIRA
PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR	VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA
ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO	ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO
LUANA SANTOS DAYRELL	PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR
GUSTAVO TABOADA SOLDATI	MARCO PAULO ANDRADE
REINALDO DUQUE BRASIL LANDULFO TEIXEIRA	
CARLOS ERNESTO G. R. SCHAEFER	
FRANCE MARIA GONTIJO COELHO	

Agradecemos pelo apoio no trabalho de campo:
CAA - CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS;
VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA; RAPHAEL JONAS CYPRIANO

Projeto gráfico e diagramação: Carlos Joaquim Einloft
Impressão: Gráfica Universitária/UFV. Tiragem: 300 exemplares

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Referência e
Atendimento ao Público da Biblioteca Central da UFV

C327 Cartilha 3 : Vazanteiros do Pau Preto: sua história, saberes e práticas com
2016 plantas alimentares / Elaboração Lis Soares Pereira... [et al.] Viçosa, MG : Uni-
versidade Federal de Viçosa; MEC/SESU, 2016. (Coleção Norte de Minas)
27 p. : il. ; 25 cm.

Projeto Etnobotânica e soberania alimentar no norte de Minas Gerais: res-
gate de plantas alimentícias tradicionais entre gerazeiros, caatingueiros,
vazanteiros e quilombolas.

1. Etnobotânica. 2. Ecologia humana. 3. Plantas comestíveis. 4. Comunidades
tradicionais – Minas Gerais. 5. Vazanteiros. 6. Memória. 7. História. I. Pereira, Lis
Soares. II. Universidade Federal de Viçosa. PróReitoria de Extensão e Cultura.
III. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. IV. Brasil. Secretaria de Ensino Su-
perior. V. Norte de Minas. VI. Título.

CDD 22. ed. 581.634

CONTEÚDO

Apresentação.....	05
A identidade vazanteira	06
A pesquisa.....	07
Origem da comunidade do Pau Preto ...	10
A luta pelo território e pela terra.....	10
Paisagens, ambientes e território.....	14
Quintal: um ambiente diferente.....	20
As plantas e a alimentação na comunidade do Pau Preto	22
Agradecimentos finais	27



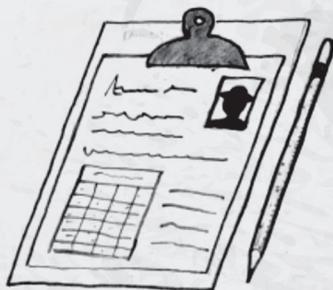
Ele quer tomar a nossa terra
Nós vamos resistir, não vamos sair daqui
(Batuque da comunidade vazanteira do Pau Preto, Matias Cardoso – MG).

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha surgiu como um dos resultados de um projeto de pesquisa iniciado em 2010. Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi registrado na UFV com o nome ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE GERAIZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS. Aquele projeto visava realizar o registro dos conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas alimentares. Essas plantas são obtidas tanto por atividades de cultivo e manejo quanto por práticas extrativistas realizadas em terras dos cerrados, caatingas e matas secas da região norte mineira. A partir da pesquisa original, em 2015, por meio de um projeto de Extensão Universitária, intitulado POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS, financiado com recursos do PROEXT, teve início a produção de cartilhas e catálogos para a devolução

dos dados às comunidades. Dessa forma esperamos ajudar na divulgação e valorização das histórias e dos conhecimentos locais que foram sistematizados com a pesquisa.

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS surge, assim, como realização de um compromisso ético de devolução dos resultados às comunidades que foram parceiras nos levantamentos de dados em campo. Acreditamos que as cartilhas e catálogos podem ser instrumento de múltiplas aprendizagens. Os conhecimentos aqui apresentados são parte dos costumes do povo do lugar. Contudo, esperamos



que os grupos tradicionais possam divulgar, para todos que queiram ler as cartilhas, o sentido das lutas, de forma que conquistem o reconhecimento social de sua identidade, de seus saberes e de seus direitos.

Nesta cartilha falaremos dos resultados da pesquisa feita numa das comunidades parceiras da pesquisa, a comunidade vazanteira da Ilha do Pau Preto, que fica no município de em Matias Cardoso, na região norte de Minas Gerais.

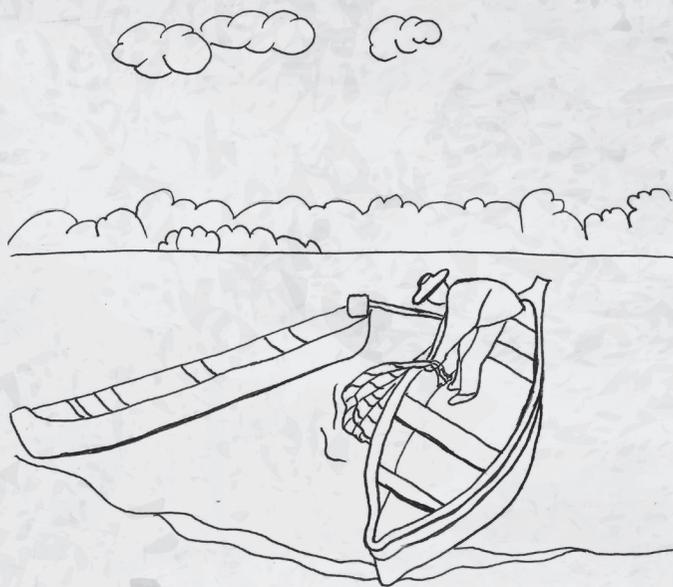
A identidade vazanteira

Os vazanteiros estão localizados nos barrancos, ilhas e vazantes do Rio São Francisco e possuem a sua formação cultural oriunda da influência indígena, negra e da vida social ribeirinha de todo o rio. Os moradores da Ilha do Pau Preto se autodenominam “vazanteiros” e trazem consigo elementos distintivos que caracterizam essa identidade cultural.

Como uma comunidade tradicional, a sintonia com os ciclos de “cheia” dos rios, marca a identidade dessa comunidade. A pesca e a chamada “agricultura de vazante”, que inclui cultivos e estratégias de manejo adequadas à dinâmica fluvial, compõem essa

identidade e pode ser mais bem compreendida por meio das palavras de um vazanteiro:

O vazanteiro é aquele que tem aquela tradição de pescante, pescador e vazanteiro mesmo. Trabalha mesmo, planta. Tem que plantar, porque se não plantar é só pescador. O vazanteiro é esses que... aqui enche de água nas águas, entendeu? Quando é o período das águas, a gente tá lá no alto, quando é o período da seca, nós descemos prá aqui, prá plantar o feijão, abóbora... aqui é a vazante, é que aqui não precisa molhar, entendeu?



A pesquisa

Os vazanteiros da Ilha do Pau Preto, do município de Matias Cardoso se colocaram à disposição para o estudo e, em julho de 2011, a equipe de pesquisa os visitou pela primeira vez.

Inicialmente, a equipe se reuniu com Zilah Mattos, da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Zilah tem um envolvimento muito grande com as comunidades rurais e começou a trabalhar antes mesmo da fundação da CPT. Segundo ela: “A CPT trabalha onde está o sofrimento do povo”.

Em sua casa, Zilah contou que trabalha com os vazanteiros de Pau Preto há muito tempo. Assim, contou sobre o histórico do conflito estabelecido com a instalação do Parque Estadual do Verde Grande e a proposta da comunidade de recategorização do Parque como uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), para que os vazanteiros pudessem manter e reproduzir seu modo de vida dentro de seu território. Além deste conflito, existem muitos fazendeiros que disputam a posse da área, o que

aumenta a necessidade de luta constante da comunidade.

Depois da conversa, ela nos levou à comunidade do Pau Preto. Lá a reunião foi na casa de Dona Helena. Numa grande roda, com cerca de 40 pessoas, embaixo da sombra das árvores, inicialmente Zilah fez uma oração. Depois pudemos nos apresentar e apresentar a proposta da pesquisa para adequá-la às condições locais e aos interesses da comunidade. Mediando a reunião Zilah falou sobre a importância da pesquisa e das históricas parcerias feitas com instituições, entidades e pesquisadores com a comunidade. Ela destacou que a proposta do trabalho era estudar o agroextrativismo da comunidade e que, isso poderia contribuir com a elaboração de um documento que ajudaria na luta pela RDS. Depois de nossa exposição, muitos moradores comentaram sobre a RDS, sua relação com aquele lugar e suas expectativas:

Nós somos a natureza.
A natureza somos nós.

Sou lavrador e pescador.
Trabalho de alto ao baixo.

Se Deus quiser, vou ficar ainda
nessa mata, plantando milho...

Nessa reunião estavam presentes o presidente da associação da comunidade na época (Seu Zé Alagoano) e seu vice (Seu Tatinha). Eles também falaram sobre a pesquisa que estava sendo proposta e sua importância, pois viu que ela poderia somar informações e apoio para a construção da RDS do Pau Preto. Outros moradores também manifestaram-se favoravelmente. Dessa forma, foi estabelecido um compromisso de ambas as partes, bem maior que meros acordos para realização da pesquisa. Ficou clara a obrigatoriedade ética de devolução dos dados para que eles servissem de instrumento para conquista de direitos.

Os vazanteiros trouxeram um mapa da comunidade com seus principais ambientes e limites, pois já haviam identificado os ambientes e seus usos, o que facilitou muito o nosso trabalho.

Nos dias seguintes, foram realizadas entrevistas com alguns moradores da comunidade e idas aos ambientes do território da comunidade. Conversamos sobre as plantas utilizadas na alimentação, suas formas de uso, de preparo, costumes alimentares.

Diante da urgência de organização de dados, já em novembro de 2011 a equipe de pesquisa entregou às mãos da comunidade um Relatório Técnico Ambiental intitulado ETNOECOLOGIA E USO DO TERRITÓRIO TRADICIONAL DA COMUNIDADE DE VAZANTEIROS DA ILHA DO PAU PRETO, MATIAS CARDOSO, MG. Mesmo com a produção deste relatório, os dados sobre as plantas alimentares identificadas continuaram a receber cuidados em novas análises e sistematizações. Assim, quase um ano depois, em junho de 2012, a equipe da pesquisa voltou na comunidade para trazer, de forma sistemati-

zada, o que havíamos registrado como informações sobre plantas e ambientes. Nesta volta, a equipe buscou confirmar algumas observações ou registros e, assim, melhor esclarecer algumas dúvidas que surgiram das anotações.

Agora, neste ano de 2016, depois que muita coisa aconteceu desde a primeira visita, com essa cartilha pretendemos deixar registrado para a comunidade o que foi relatado e o que foi possível saber sobre a vida em Pau Preto, as plantas utilizadas na alimentação, os ambientes e o sentido de tudo isso para os vazanteiros. Por conta de tudo que nos ensinaram, nos vimos desafiados a estudar muitas outras coisas e parte delas, de certa forma, também estão registradas nesta cartilha e nas demais cartilhas da Coleção Norte de Minas.



Origem da comunidade do Pau Preto

A comunidade da ilha do Pau Preto possui um histórico de uso e ocupação da região anterior à década de 1970. Seus membros ocupavam um território que abrangia desde a caatinga até o rio, uma região entre os rios São Francisco e Verde Grande. Esse processo histórico de ocupação e uso desse território compreendeu planícies periodicamente inundáveis e áreas de terra firme com solos profundos. Nesse espaço foram construídas tradições e práticas culturais de convívio com os diversos ambientes que, constantemente, eram ameaçados por pressões de fazendeiros e de instituições estatais.

Uma dessas pressões aconteceu entre as décadas de 1940 e 1970, durante o processo de regularização

fundiária conduzida pela Ruralminas, como parte da política agrária estadual da época. Nesse intervalo, a comunidade perdeu acesso às terras que habitavam há, pelo menos, dois séculos. No final da década de 1940 e mais expressivamente na década de 1970, com a regularização fundiária e os incentivos governamentais do governo militar destinados a grandes empreendimentos agropecuários, as famílias foram expulsas das suas terras em uso e se espalharam por Matias Cardoso e Manga. Com o corte dos recursos governamentais para esse tipo de política fundiária e, curiosamente, com a enchente que ocorreu em 1979, as famílias foram retornando para a região do rio Verde Grande, principalmente para a Ilha do Pau Preto.

A luta pelo território e pela terra

Com a criação do Parque Estadual Verde Grande, em 1998, foi englobado o território ocupado tradi-

cionalmente por essa comunidade. Com o IEF não foi possível muita negociação, como contam:

Prometendo negociar e nunca negoceia. Nós fizemos, abrimos uma negociata com eles aqui. Fizemos um acordo, nas áreas nossas aqui. Eles achou que cortava o parque aqui... que corta, o parque deles é ali ó. (...) Então nós cortamos o parque deles no meio. Nós tamos dum rio a outro. Então pra negociar, nós falamos pra eles, pra nós ficar de lá da metade pra cá, de fora a fora. Eles achou que não tava bom. Aí nós voltamos. Diminuímos mais aqui. Não resolve. (...) Espero que nesse ano nós chega nele, no fim, se Deus quiser. Eles andava com a polícia direto aí, no mato, tudo que a gente ia fazer, eles chegavam, botava a polícia pra parar. E hoje mudou, né? Hoje é mais difícil. É mais...eles chega... só com aquele impacto, sabe? Isso não pode fazer, aquele outro não pode fazer, derrubar a gente não pode fazer...é proibido cortar aquele pau, é proibido fazer aquilo ali, é proibido fazer aquilo aculá... e a gente vai ai lutando, fazendo aos poucos, né? de acordo com que pode, né? Desistir, eu não desisto não. Já procuramos acordo também se eles tinha...porque eles não tem proposta, que se eles tivesse uma proposta de apresentar, uma área beira rio, porque da beira rio ninguém sai. Se eles apresentasse uma outra área beira rio, pra nós negociar...a gente era até de acordo. Mas eles nunca apresentou.

Em 2007 a comunidade apresentou às autoridades uma alternativa a esse parque: uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Nessa RDS seria preservada a mata nativa reclamada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) e também o modo de vida vazanteiro, pescador, agricultor e extrativista, o que permitiria que as famílias que estão ocupando a área há anos, continuassem no local.

Assim, os vazanteiros do Pau Preto, após serem expropriados pelos fazendeiros e encurralados pelo Parque, reivindicam atualmente a retomada do seu território através da criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Esta situação é denominada por eles como “*encurralamento*”, pois a população vai sendo comprimida em pequenas áreas e pode perder totalmente

seu território. Desta maneira, tanto as áreas produtivas quanto as práticas agrícolas tradicionais, o conhecimento do extrativismo para obtenção de alimentos para autoconsumo dessas famílias ficam comprometidos, bem como a segurança e a soberania alimentar e nutricional. O convívio com condições ambientais adversas, sem acesso à diversidade de ambientes necessários à manutenção das formas de vida, é um aspecto socioambiental e ecológico que carece mais atenção das instâncias de poder, das políticas públicas e dos estudiosos. Os vazanteiros de Pau Preto viveram condições históricas e tiveram uma experiência ambiental que permitiram uma cultura adaptada àquelas condições. Sem o acesso à diversidade de ambientes, em razão das forças do encurralamento, eles correm o risco de perder a continuidade de um modo de vida típico e um conhecimento ecológico importante.

As negociações estão sendo feitas desde 2007, mas até o momento da pesquisa ainda não havia se chegado a um acordo viável para a comunidade que

garantissem a preservação de seus costumes e identidade. Em julho de 2011, os moradores junto a outras comunidades vazanteiras num grupo intitulado Vazanteiros em Movimento, com apoio da CPT, Centro de Agricultura Alternativa(CAA) e Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais, ocuparam uma antiga sede de fazenda da região e implantaram a RDS da Ilha do Pau Preto.

Até os dias de hoje, a ocupação continua, para pressionar as negociações de sua proposta. Em entrevista, o vice-presidente da Associação de Moradores da Ilha do Pau Preto contou sobre esse conflito:

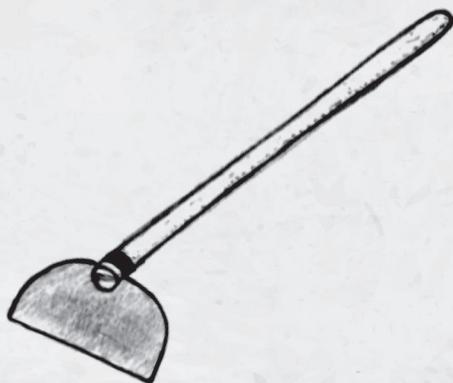
A luta da terra é isso, porque eles criaram o Parque sem nos comunicar. Eles chegaram aí, olharam aí por cima aí e criou o Parque e não sabia que tinha essa comunidade aqui dentro. Eles criaram o Parque, e fechou, e trancou nós, porque agora nós não podemos trabaiá.

Um dos argumentos utilizados pelos moradores da ilha para que continuem vivendo na região, mesmo com o parque implantado, é que seu modo de vida permite preservação da natureza, como explica o Presidente da Associação:

Se não tiver nós pequeno, os grandes não veve. Que nós é que planta o milho, o feijão, é quem cria o porco, é quem cria a galinha, quem cria o bode, quem cria uma vaca de leite... que o grande que tem a boa fazenda... a produção dele é vendida pra fora, pro exterior, lá pro Rio Grande do Sul, pra São Paulo...e nós não, o nosso é tudo aqui dentro. E o grande não olha pra isso! Porque nós hoje... eles acha que nós preservou aqui, é porque nós precisava, nós preservamos. Que é uma coisa tão clara. Que cês foram naquela área lá em cima, que era do fazendeiro...ela só tá terra, né? Que o fazendeiro ele interessa fazer o pasto, a pastagem criar o bicho, o gado. Nós não, nós precisamos de tudo, precisamos da mata, precisamos de tudo. Precisamos da madeira, temos as fruta.

Nesse conflito, as parcerias tiveram muita importância para a comunidade. Eles citaram instituições e pessoas que ajudaram até aquela época, como a CPT, o CAA e pesquisadores da Universidade Estadual de Montes Claros.

Todo mundo na luta e todo mundo com intenção de vencer.



Num documentário realizado pelo movimento de ocupação para implantação da RDS do Pau Preto, um representante nessa Comissão, explica a forma de apoio dessas organizações e comenta sobre o movimento:

“E a gente hoje faz parte do conselho diretor do CAA, fazemos parte também do Conselho da Rede de Cerrado, da coordenação, e fazemos parte da Comissão de Povos Tradicionais em nível regional e nacional. E a gente tem uma missão de acompanhar esses povos. E esse apoio pelo menos. A gente, é uma missão da gente lutar pra esse povo ter a demarcação de seu território. E como acontece pelo menos que o governo é muito lento, não acontece, então a gente tem que apoiar nessa pressão. A gente não incentiva, mas se eles tão preparado, a gente tem que dar o apoio pra ver se isso acontece, que eles consegue o seu território. A população quer é a retomada do seu território, pra eles poder ser cidadão brasileiro, ter segurança alimentar, preservar pelo menos, inclusive preservar a margem do São Francisco e também nosso cerrado. Porque esse pessoal são os guardiões. Eles sabem produzir e preservar, não é igual aquelas grandes empresas que aqui vem e destrói tudo. Pelo menos aqui é assim e ai tem que fazer uma área de preservação em outro lugar, que é o que eles tão tentando passar na Constituição Federal. Essas unidades de preservação do governo tá expulsando o nosso povo. Isso daqui é o retrato do Brasil que nós temos, dessa política selvagem capitalista que ta aí.”

Paisagens, ambientes e território

Os Vazanteiros de Pau Preto identificaram na paisagem os ambientes de “rio”, “vazante”, “ilha”, “lagadiço”, “lagoa”, “capão” e “caatinga”. O que diferencia estes ambientes são solo, vegetação, relevo e formas de uso dos ambientes.

O “rio” é considerado vital para os vazanteiros, exercendo grande influência na forma de viver da comunidade. Os seus ciclos de cheia e vazante regulam as atividades de pesca e plantio. O rio é valorizado, respeitado e visto como o principal

agente de modificação dos ambientes, fato esse que se expressa na fala do vazanteiro Zé Alagoano:

“ Não adianta querer que as coisas sejam sempre do mesmo jeito. Quando o rio quer, ele muda tudo, ranca árvore, quebra os barrancos, muda as ilhas. Mas o que ele desfaz em um lugar, ele cria em outro. ”

Esta capacidade de alteração é completada com a fala do Seu Tonho que arrematou:

“ O rio bagunça tudo. ”

O “rio” apresenta também diferentes espaços: o canal do rio, croas, locas, acoitos de peixe e rasios. Como explicam os vazanteiros, o canal do rio é o lugar mais profundo, por onde a água corre mais rápida. As croas são bancos de areias que se formam ao longo do rio e que dependendo do movi-

mento deste ao longo dos anos, se os paus trazidos pela correnteza forem encostando e as plantas nascerem, pode vir a se tornar uma ilha. As locas são formadas nas beiras do barranco e é um dos lugares de acoito de peixe. Esse “buraco” se forma preferencialmente abaixo de áreas de ocorrência de tabatinga branca, sobre um solo mais frágil. Acoitos de peixe são os lugares que os peixes utilizam para se protegerem, podem ser locas, beiradas do rio em que caíram árvores, madeiras, barceiro, pau, capim, “pudriqueire”. Os rasios são as partes mais rasas do rio onde a água corre mais mansa e podem ser de areia lavada, neste caso são chamados de rasio de croa, ou podem ser de cascalho sendo chamados simplesmente de cascalho.

Um ambiente que está interligado ao “rio” são as lagoas”. Elas ocorrem dentro do “lagadiço” e eram utilizadas pelos vazanteiros para a atividade de pesca, pois são importantes criatórios de peixes que ocorrem também no rio. Grande parte das lagoas que visitamos se encontravam tomadas por plantas e por tocos de árvores em quase toda a sua extensão. Segundo o

Seu Luiz, quando os vazanteiros utilizavam essas lagoas elas não ficavam assim, pois eles manejavam, retiravam os tocos e limpavam os matos para poderem pescar. Mas ... como agora eles não podem ter acesso, elas se encontram nessa situação. Eles constatam que com a ausência do manejo que realizavam antes da proibição, muitos peixes estão morrendo presos e sufocados.

Além do rio, no Quadro 1 registramos as descrições dos ambientes presentes na comunidade. O plantio na vazante é mais arriscado, pois como comentou Seu Tonho:

Se o rio vir, come, e se não vir, a gente come.

Porém, essas perdas não geram sentimento de revolta contra o rio, como fala Zé Alagoano:

O rio come as roças, a gente sente falta, mas nem tanto. Porque a gente sabe que a terras vão ser boa e o peixe aparece, porque a cheia é grande.

De modo geral, vários são os eventos que influenciam as características das terras ao longo do rio, o que faz com que as áreas de cultivo e a diversidade de plantas nem sempre sejam as mesmas. Com ensinam os vazanteiros, um dos eventos que influencia se aquele local será mais arenoso ou argiloso é a velocidade que o rio corre. No momento em que o rio sobe e está passando com maior velocidade sobre os terrenos, a deposição principal que ocorre é de areia. Já quando ele está começando a vazar, a sua velocidade diminui, ocorrendo a deposição da argila. Agora, se galhadas de árvores “garrar” ou a vegetação ficar muito alta em alguma região anterior ao terreno, este terreno tem chance de ficar mais arenoso, pois a vegetação segura a argila só deixando correr a areia.

Para realizar o plantio no local em que ocorreu uma deposição constante de argila, o que forma uma crosta sobre a superfície, é necessário uma série de técnicas de preparo. Essas técnicas são escolhidas pelos vazanteiros de acordo com o tamanho da crosta forma-

Quadro 1. Ambientes da comunidade do Pau preto, para além do Rio.

Tipo de Ambiente	Tipo de Terra	Plantas encontradas	Formas de Uso
Vazante			
Solo próximo ao rio, onde a água "vaza" após as cheias, depositando matéria orgânica, sementes, argilas e areias.	"Terra mais barrenta, de areia fina, grossa e lavada, de barro mais fino e arenoso". Vários tipos de solo, com deposição sazonal de sedimentos, formando camadas.	Vegetação de porte arbustivo, não atinge porte florestal e baixa riqueza de espécies. Cultivam Abóbora, Alface, Batata doce, Beterraba, Cebola sempre verde, Cebolinha de cabeça, Cenoura, Coentro, Cordão de frade São Francisco, Couve, Feijão, Mandioca, Melancia, Milho, Pimenta, Pimentão, Quixabeira e Tomate.	Moradia e cultivo agrícola de vazante.
Ilha			
Porção de terra separada da margem por braços do rio.	Vários tipos de solo, com deposição sazonal de sedimentos, formando camadas.	Vegetação de porte arbustivo, não atinge porte florestal e baixa riqueza de espécies. Plantas semelhantes as da "vazante".	Moradia, cultivo agrícola de vazante e acampamento no período de pesca.
Lagadiço			
Ocorrem nas partes mais baixas dos ambientes de terra firme.	"Terra mais dura e barrenta" e "terra preta, só barro de telha".	Sazonalmente inundável com vegetação florestal, mas de porte menor que o capão, como o Assissi, Caraíba, Cruili vermelho, Jenipapo, Linão bravo, Maçã do mato, Mari, Maxixe, Pinha do mato, Quixabeira e Sapotá.	Não são indicados para o cultivo de roças. Antes eles faziam o extrativismo de lenha, solta de animais e acesso a lagoas. Hoje, foram relatados poucos usos por conta da restrição do Parque Estadual.
Capão			
Elevações como cordões arenosos, que se alternam com as áreas de "lagadiços", podem alcançar os barrancos do rio.	Possui um solo claro, arenoso e duro.	Vegetação florestal não inundável cercada por florestas inundáveis dos "lagadiços". Algumas plantas presentes são: Jatobá, Mutamba e Quixabeira.	Moradias, quintais, criações de pequeno porte, cultivo agrícola de sequeiro e plantio de culturas de ciclo longo que "duram mais de um ano na terra".
Caatinga			
Parte mais alta e distante do rio São Francisco.	Solo sedimentar e profundo.	Também chamada de Mata Seca em outras regiões. Dependendo do estado de regeneração da mata, ela é denominada de "carrasco" pelos vazanteiros. Algumas plantas presentes são: Articum da caatinga, Chichá, Licuri, Mamãozinho, Mutamba e Umbu.	Tradicionalmente, eles faziam as moradias, quintais, soltas de gado e cultivo agrícola de sequeiro. Atualmente é ocupada por dois grandes pivôs de irrigação abandonados e que estão no domínio do Parque Estadual Verde Grande.

da e a disponibilidade de tempo do dono da roça. Se a crosta formada já for muito grossa, o que significa que em vários anos consecutivos o rio lançou mais argila do que areia, então neste lugar é mais indicado “cortar a terra” com enxada, o que exige mais trabalho e tempo, porém corre menos risco de perder o plantio. Em alguns casos, o “plantio de furão” é o mais satisfatório, pois o uso de matracas ou até mesmo um pedaço de pau para colocar a semente abaixo da camada de barro, busca os “valos” que se formam quando a terra começa a secar. Dessa forma, a planta quando começar a crescer, ela “pega no molhado” e diminui o risco da raiz da planta perder o contato com a parte úmida do solo e até mesmo “arrebentar”, quer dizer, quando a camada de argila começa a secar e se destacar do solo.

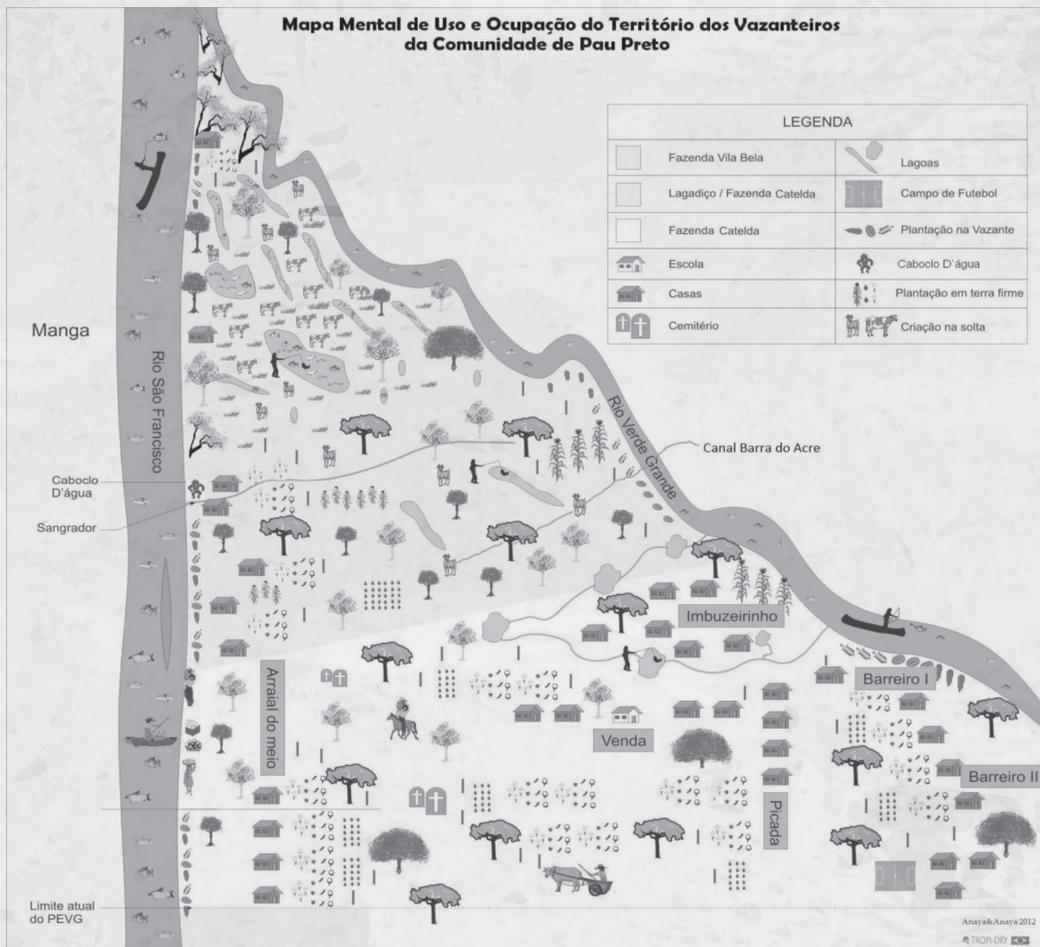
Em contraposição ao “lagadiço”, o capão é considerado um ambiente mais seco e com menor risco de inundação. Por isso, nele os vazanteiros realizam o plantio no período das chuvas e optam por culturas mais resistentes a escassez de água. As roças do

“capão” costumam ser de cana, feijão de corda, mandioca e milho. Os vazanteiros chegam a cultivar até seis variedades diferentes de mandioca (*amarelinha, doce, manteiga, palmeira, serra, teixeira e urubu*).

A área de ocorrência da “caatinga” é um ambiente considerado pelos vazanteiros como importante na dinâmica de uso e ocupação pela comunidade. Como é a parte mais alta do território, o ambiente de “caatinga” possibilita aos moradores plantarem no período das águas com segurança, sem receio de perder a produção devido à cheia do rio. A caatinga tem uma terra boa para a roça e é um local propício para a construção de casas, pois aí elas não correm o risco de serem levadas pelo rio. No passado, estas áreas eram utilizadas para solta de gado e plantio de roças durante as chuvas, quando os vazanteiros migravam das *vazantes* para a *caatinga*. Nas épocas secas, eles retornavam para o cultivo das *vazantes*. Ou seja, a ocupação tradicional do território ocorria de maneira sazonal e complementar, sintonizada aos ritmos de inundação do rio.

Durante esta pesquisa foram registradas 25 etnoespécies de plantas alimentares, cultivadas ou coletadas, distribuídas nos ambientes. Algumas plantas podem ser cultiva-

das em mais de um ambiente, assim como algumas plantas da região aparecem em diferentes ambientes, porém, elas se concentram mais na “vazante” e “ilha”.



Mapa Mental “Tempo de Liberto” Pau Preto, tratado graficamente.
Fonte: Felisa Anaya, 2010.

Quintal: um ambiente diferente

Em geral, o quintal foi o termo mais utilizado pelos vazanteiros para indicar o local ao redor da casa, onde há plantio e criação de animais. É uma área de cuidado diário, devido às inúmeras plantas cultivadas, de pequeno à grande porte. Os bichos também estão nos quintais, desde cachorros, aves, galinhas e até porcos. Assim, o quintal também permite uma carniinha ou um ovo na hora do almoço. É um lugar onde as pessoas cultivam com muito carinho e esforço. E mais, geralmente são as mulheres que cuidam deles enquanto os homens estão cuidando das criações e das roças. No quintal tem muitos pés de fruta, como nos disse Dona Isaura: *“Pé de árvore... se enche, vira quintal”*.

Antigamente, a ocupação tradicional do território vazanteiro ocorria conjuntamente e em razão das variações dos ciclos dos rios, São Francisco e Verde Grande. Com as cheias, os vazanteiros

passavam das áreas de *“vazante”*, local onde a água vaza após as cheias, para de *“caatinga”*, parte mais alta do território onde se encontram as Matas Secas e solos sedimentares. Nos ciclos de seca, seus plantios voltavam para as *“vazantes”*. Porém, com a perda de acesso a diversos ambientes do território vazanteiro, esta prática cessou e seu manejo ficou limitado às regiões da *“ilha”*, braço de terra dentro do rio, da *“vazante”* e do *“capão”*. Os quintais e as moradias encontram-se preferencialmente no ambiente de *“capão”*, que são áreas elevadas não inundáveis. Quando os quintais ficam nas áreas de ilhas e vazantes, *“plantar é uma tentativa”* como nos explicou Dona Etelvina, pois as cheias do Rio São Francisco podem matar e levar as mudas das plantas embora.

Costuma-se praticar nas *“ilhas”* e *“vazantes”* a agricultura de vazante, aproveitando a riqueza de matéria orgânica deixada pelo

rio após a cheia, com plantio de roças de mandioca, milho, feijão e a feitura de “canteiros”. As hortas na comunidade são chamadas também de “canteiros”. No acampamento Arraial do Meio foram plantados cenoura, coentro, cebola, açafraão, salsa, pimentão, alface, cebolinha, alho, tomate, quiabo, beterraba e jiló. Para remédio tinha erva cidreira, poejinho, hortelã e vic. A horta é molhada de manhã cedo e de tarde, e todos os dias da semana. Seu Antônio nos explicou sobre a existência de dois “canteiros”, um mais perto do rio e outro mais perto de sua casa, no “capão”. Segundo ele: “Canteiro próximo a casa era para criar muda. E o outro canteiro, na beira do rio, plantava as mudas do canteiro de cima”.

Os quintais e canteiros são importantíssimos para a alimentação diária das famílias, como ressaltou Dona Etelvina: “É tudo. Tudo aqui pra nós é importante. Nós tira o sustento daqui. É despensa nossa, é porque nós planta tudo aqui”. Além das plantas, criação de animais de pequeno porte como galinhas e porco completa alimen-

tação. Segundo Seu Tatinha: “É bom demais. Tem uma planta... cria uma galinha... tem uns porco... pé de banana...”. Quando há fartura, eles repartem o alimento, dividindo desde as sementes até um porco em inúmeras peças.

Além disso, os alimentos que saem dos quintais para o preparo das comidas não costumam ter venenos e as sementes são da região, variedades crioulas adaptadas ao clima e solo locais, pois são plantadas há muito tempo. Esse é um patrimônio cultural que garante a saúde da família.

No quintal ficam algumas coisas que, de costume, ajudam no preparo da comida, como o forno de barro para assar carne e biscoitos. Também ficam nos quintais os materiais para o trabalho na terra, como as enxadas e pás.

Os quintais atraem passarinhos e papagaios. Nos quintais os cães são criados para defender a casa. Os quintais fornecem também uma sombra fresca, onde vizinhos e parentes podem se encontrar, reunir e prostrar bastante. Assim, foram citados como usos para os quin-

tais: “fazer um churrasco debaixo de árvore”, “à noite, observar o céu”, “plantar rosa”, “cantiga de roda, brincar de esconder, namorar as meninas”, “para enfeitar a casa” e “apreciá as coisas”. Eles são espaços de lazer e divertimentos, dão cores, formas e belezas nas casas desse povo.

Ao serem perguntados se teria como viver sem um quintal, eles disseram ser muito difícil, como no depoimento de Dona Helena:

“Ave Maria! Tá numa prisão, não pode nem respirar. Não dá para viver sem quintal, nem na cidade. Não cresce criança”. Os vazanteiros mantêm uma forte ligação com os seus quintais, e seria, ainda maior do que já é, com o reconhecimento de seu território: “Tô esperando a liberação da RDS [Reserva de Desenvolvimento Sustentável], viemo para cá em janeiro. De moradia na baixa, moramos faz 20 e tantos anos”, nos disse Dona Helena.

As plantas e a alimentação na comunidade do Pau Preto

O povo vazanteiro do Pau Preto tem sua alimentação muito ligada à pesca e à agricultura de vazante. Como nos contou Dona Etelvina, antigamente seu pai pescava de flecha, mas hoje em dia ela e os demais moradores pescam com tarrafa. Alguns acampam em ilhas dentro do Rio São Francisco e dependendo da pesca ficam dias lá acampados. No Quadro 2 registramos os nomes dos peixes citados

pelos vazanteiros na época da pesquisa, pois o conhecimento dos peixes é uma marca importante na identidade vazanteira.

Entre vazanteiros é costume o “feitio de farinha de mandioca”. A mandioca é plantada nas roças depois da cheia e, na mesma época, são plantados principalmente milho, feijão, amendoim, abóbora e melancia. A produção geral-

Quadro 2. Nome de espécies de peixe, local que ocorre e formas de uso

Nomes citados de espécies de peixes	Local em que ocorrem	Forma de consumo	Informações gerais
Caranha	"Gosta mais de lugares profundos", ocorre nas lagoas ou no rio Verde Grande.	"Só presta frita ou então passada a sol".	"Engorda demais, por isso que cozida não presta".
Cari	Pedreira e pau	Frito com farofa	
Corumatá	"Rasios" e "Baixio de croa"	Cozido	"Possui pouca carne, por isso quando frito não presta frito", "Aonde eles vão os outros peixes que são predadores seguem atrás".
Cubáca	"Cascalho"	Cozido	"Come búzio".
Curvina	"Lugares profundos"	Frito	
Dourado	"Tem por toda a parte"	Frito ou cozido	Mesmo ocorrendo em toda área, preferem o rio Verde Grande. Porém, "por serem predadores vão onde os outros peixes estão".
Mandin	"Rasio"	Frito	"Também engorda demais, por isso que cozido não presta".
Piau	"Rasio de cascalho" e "pedreira".	Frito	
Piau bejo	"Dá no capim de beira de rio"	Frito	
Pirá	"Gosta de lugares mais fundos aonde a água corre mais, como no canal do rio".	"Gostoso de todo jeito"	
Piranha	"Gosta mais de lugares profundos", ocorre nas lagoas e no rio Verde Grande.	Cozida e ensopada	Ocorrem mais no rio Verde Grande. "São predadoras e resistentes".
Pocoman	"Rasio de croa"	"De qualquer jeito é bom".	"Chega a enterrar na areia".
Surubim	"Gosta de lugares mais fundos aonde a água corre mais, como no canal do rio".	"De qualquer jeito é bom".	Pescado preferencialmente no anzol.
Traíra	"Perto dos barrancos do rio".	Frito ou cozido	Ocorrem mais no rio Verde Grande. "São predadoras e resistentes". "Melhor comer frita".
Três Pintas, Piau Verdadeiro	"Gosta de lugares mais fundos".	Frito	"Fica maior que os outros peixes do tipo piau".
Tucunaré	"Gosta mais de lugares profundos", ocorre nas lagoas e no rio Verde Grande.	Frito ou cozido	Ocorrem mais no rio Verde Grande. "São predadores e resistentes. Tão tomando conta das lagoas e comendo os outros peixes".

mente é no “tempo das águas”, de outubro até fevereiro e volta durante o “tempo das secas”, de maio e junho a setembro. Assim, existem espécies que dão bem, pois são adaptadas ao clima regional e são específicas em cada período. Outra observação importante que foi feita é a interferência da fase da lua no plantio e manejo das plantas. Dona Helena explicou:

Quando a lua está crescente tudo rende, limpa no crescente. Se planta na minguante não vai para frente.

[...] Feijão de arranca tem dois plantio no ano. Planta mais junto as carreirinhas. Prepara a terra e deixa dia passar. Planta com 4 dias de lua nova. 3 ou 4 meses ranca, põe no terreiro, terminou de secar, bate, tira bagaço e põe limpo no seco. O feijão catador é igual o de cima, já planta mais largo, ruona. A Bajinha é os canivetinho. Vai catando, da roça já seca. Já ensaca. Tem direto. Até quando água vir.

Em debate sobre a origem das plantas nos quintais, os vazanteiros

deram mais importância ao ato do próprio morador, que guarda a semente e planta. Em segundo lugar destacaram a prática de troca e doação com vizinhos e amigos, como no depoimento: “Aqui a gente tem o costume de falar com o vizinho e pedir uma muda ou fruta prá prantá”. Na sequência, citaram que fazem compra de mudas, (“A muda agente compra no caminhão na feira, ele vem de fora”), ou que tinham plantas vindas de parentes (“Às vezes quando nós vamo na casa de um parente, agente pega umas fruta”). O rio também foi mencionado por introduzir novas espécies, influenciando a composição do quintal: “As árvores que o rio mais traz é mangue, às vez o rio traz do vizinho. Assim é mais nas vazante, agora aqui no alto, onde o rio não vem, aparece menos”.

Um morador de referência no cultivo e manejo de plantas na comunidade foi o Seu Zé Cardoso. Seu quintal se destacou de todos os outros, devido à alta riqueza e quantidade de plantas. Muitos recorriam a ele para obtenção de plantas, pois sabiam que lá haveria: “Não tem no quintal mas tem na casa de Zé Cardoso”.

Quando foi feita a listagem das plantas e anotados seus usos na alimentação, foi possível também identificar diversas formas de preparo e consumo, que estão descritos no Quadro 3.

Com os vazanteiros do Pau Preto foi possível identificar e registrar **101 plantas** que eram utilizadas na alimentação. Eles cultivavam **40 plantas** nas ilhas e vazantes, o que significa grande diversidade. Nos quintais e hortas são um total de **37 plantas**. As plantas mais citadas nos quintais foram acerola, banana, cana e mamoeiro. Eles indicaram, ainda, **33 plantas alimentares** nos ambientes de beira do rio, **28 nas matas, 20 no alto, 15 nas roças**. Com poucas citações foram citados, ainda, o cultivo em outros ambientes, como no gerais, caatinga, capão, beira de lagoa e tabuleiro.

Os vazanteiros citaram também **25 plantas alimentícias emergenciais**. Todas as plantas, seus usos e formas de preparo foram anotados e organizados no quadro apresentado na Cartilha 9. As mais frequentes na comunidade do Pau Preto foram folha da berdoega e língua de vaca, fruto da cagaita, chichá,

jatobá, mutamba e quixabeira e raiz do umbu. O conhecimento sobre essas plantas emergenciais pode estar se perdendo, como explicou Dona Helena: *“Muitas não é mais usada, não procuramos, mas que ainda existe, existe. Foi largando de comê, apareceu outras folhas diferentes”*.

Seu Antônio do Pau Preto e Dona Isaura reforçaram que se precisar ou encontrar, elas serão utilizadas: *“Depende da necessidade, tem quixaba madura. Às vezes pára pra comer”* (Seu Antônio Rodrigues da Mata), e *“Come. Depende de achar. Ah, eu achar ela, eu como na hora. Só basta fazer, que o pessoal come tudo. O povo gosta. Nós passamos uma dificuldade no Rio Verde, cês nem imagina. O povo tá tudo rico”* (Dona Isaura). Seu Messias disse que é possível encontrar essas plantas em outros lugares: *“São [encontradas], mas não por nós, porque não tem aqui. Quem é dos Gerais que come”*.

Geralmente estas plantas tem um preparo específico. Muitos moradores relataram que elas podem até causar alguma coisa ruim como chumbar (deixar tonto,

Quadro 3. Formas de preparo e consumo na alimentação da comunidade vazanteira do Pau Preto, Matias Cardoso, MG.

Formas de preparo e consumo	Descrição dos usos e plantas
Alimentação animal	Alimento para galinhas, pássaros e peixes. Inclui plantas como acerola, cana, ingá, juá mirim e mutamba, as sobras de feijão e em forma de ração como abóbora, girassol, mandioca, melancia e milho.
Assados	Nessa categoria temos os bolos, os biscoitos, os pães de queijo e os assados no forno ou direto na brasa. As plantas mais utilizadas são o caju, jatobá, mandioca e o milho.
Bebidas	Diversas bebidas em uso: batida de jenipapo, cachaça e acompanhamentos de cana, café de fedegoso, chá de laranja, consumo direto de umbu maroto, embuzada de umbu, garapa, geladinho de manga, licor de jenipapo, limonada, polpa de goiaba, suco de frutas, vinho de jatobá e jenipapo e vitaminas.
Consumo in natura	Os usos são chupar, comer, comer com açúcar e saladas. Inúmeras foram as plantas citadas, algumas delas são: abacate, acerola, amendoim, aracaç, artium, banana, buriti, cagaíta, cajá, carambola, cenoura, ciriguela, coquinho, juá mirim, laranja, limão, mamão, manga, mari, melancia, melão, palma, pinha, pitomba, pocã, quixabeira, saputá, tamarindo, tangerina, umbu maroto e umbu-cajá.
Cozidos	Nesta categoria está o angu, a canjica, o cozido, o cozido com arroz, carne e peixe, a crueira, o mingau, a pamonha e o tutu. As plantas usadas são: abóbora, arroz, banana, batata doce, cenoura, feijão, feijão andu, mandioca, mandioca brava, mari, milho, pequi e quiabo.
Doces	Estão açúcar, arroz doce, doce, doce de tijolo, goiaba, jacuba, jenipapada, mel de engenho, paçoca e rapadura. As plantas usadas são: abóbora, abóbora moranga, amendoim, batata, cana, coquinho do mato, gergelim, goiaba, jatobá, jenipapo, mamãozinho/mamãozinho do mato, mamão, manga, melancia, milho, tomatinho de rolinha, umbu maroto e umbu.
Ensopados	Os usos são afogado, ensopado, ensopado com carne, molho e vaca atolada. As plantas utilizadas são abóbora, abóbora moranga, batata, berdoega, caxixa/caxixe, cenoura, chuchu, couve, língua de vaca, mamão, mandioca, maxixe, melancia, mostarda, pimentão, quiabo, repolho, tomate e tomatinho de rolinha.
Farinhas, Beijús e gomas	Os usos são beiju, cuscuz, farinha, fubá, polvilho, puba e tapioca. Usa nestes preparos amendoim, jatobá, mandioca, mandioca brava, milho, mucunã e umbu.
Farofa	O uso é preparar a farofa e o tropeiro. As plantas utilizadas são berdoega, cariru, feijão, feijão andu, e língua de vaca.
Frituras	O uso é a fritura. As plantas são batata doce, berinjela, mandioca e quiabo.
Óleos	O uso é o preparo de óleos. As plantas usadas são gergelim e pequi.
Saladas	Faz saladas das plantas abacate, alface, cebola, cenoura, couve, melão, quiabo e tomate.
Temperos	Os usos são para corante, molho, pimenta e tempero. As plantas usadas são açafraão, alho, cebola, cebolinha, coentro, corante/urucum, limão (rosa, galego e tahiti), pimenta (de cheiro), pimentão, salsa, salsinha e tomate.
Torrados	Usa a abóbora e o amendoim torrados.

embriagado), entupir (causar congestão intestinal), erva (causar tonteira, vômito e mal estar) e até matar uma pessoa, dependendo da forma que usa. Hoje, estudos tem sido feitos sobre

estas plantas e comprovado seus efeitos e, além disso, esses estudos têm demonstrado que muitas delas são ricas em nutrientes. Mas, para isso é preciso ter cuidado e saber sua forma de preparo e uso.

Agradecimentos finais

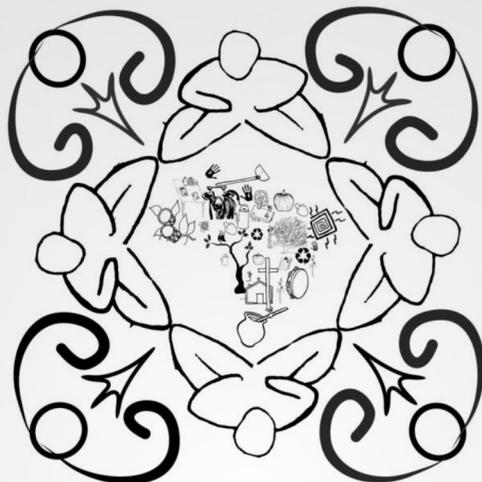
Agradecemos a todas as pessoas que receberam a Equipe da Pesquisa em suas casas, que pararam seus afazeres e compartilharam conosco seus conhecimentos



e suas histórias de vida. Com este humilde material esperamos contribuir e fortalecer a luta do povo vazanteiro pelo seu território e sua soberania alimentar!

ANOTAÇÕES

PROJETO POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS – 2015



PROJETO ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS
GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE
GERAZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS É FORMADA PELOS SEGUINTE VOLUMES:

- Cartilha 1: Ambientes, história, identidade e plantas alimentares
- Cartilha 2: Quilombolas gurutubanos de Malhada Grande:
sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 3: Vazanteiros do Pau Preto: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 4: Geraizeiros do Sobrado: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 5: Caatingueiros do Touro: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 6: Caderno de receitas de comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais
- Cartilha 7: Seu Mariano: uma homenagem a um lutador de Gurutuba
- Cartilha 8: Catálogo de Registro da Casa de Sementes de Seu Geraldo Gomes,
Touro - Serranópolis de Minas
- Cartilha 9: Catálogo de Registro Etnobotânica das Plantas Alimentares
de quatro comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais